

Explorando a palavra falada nas aulas de Língua Portuguesa: desafios na abordagem e avaliação da oralidade¹

Antonia Samires do Rosário LIMA²

Resumo: Este artigo resulta de estudo em que se buscou investigar os desafios encontrados na abordagem da oralidade e sua avaliação nos anos finais do ensino fundamental, na percepção de professores de Língua Portuguesa. O estudo se concentrou em compreender a forma como os docentes definem e ensinam a oralidade, quais gêneros orais são abordados em sala de aula e como se dá sua avaliação. A pesquisa, de base qualitativa, foi desenvolvida por meio de questionários e os dados coletados evidenciaram diferentes perspectivas entre os sujeitos colaboradores. Como referencial teórico, utilizaram-se as contribuições de Melo e Cavalcante (2007), Antunes (2003), Suassuna (2006), bem como consulta à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Os resultados mostram a importância de considerar tanto os aspectos linguísticos quanto os contextuais ao focar a oralidade em sala de aula, bem como a necessidade de abordagens diversificadas para promover uma aprendizagem eficaz.

Palavras-chave: Oralidade; Avaliação; Ensino fundamental.

Introdução

Para ensinar língua materna, faz-se uso dos textos orais e escritos e de todas as demais linguagens não-verbais, no entanto, até hoje, as aulas ainda são centradas no normativismo das gramáticas tradicionais e na abordagem quase exclusiva da modalidade escrita, desprezando de alguma forma o registro oral da língua. Do ponto de vista do ensino, a oralidade é vista como um meio de desenvolvimento do modo de se expressar e de se comunicar do alunado através da fala, é uma “prática social interativa” (MARCUSCHI, 2010, p. 25) que deve ser trabalhada continuamente pelo professor, e esse trabalho deve ser realizado desde os primeiros anos da educação escolar, com foco no aperfeiçoamento da competência comunicativa dos alunos nos mais diversos contextos sociais em que eles possam interagir.

Assim, considerando essa temática como ponto de partida, a pesquisa que resultou no presente trabalho objetivou discutir sobre os desafios na abordagem da oralidade e sua avaliação

¹ A primeira versão deste trabalho foi realizada em equipe, juntamente com Antonia Adriana Gonçalves dos Santos, Evana Kelly dos Santos e Marta Antonia Ribeiro da Cruz, na disciplina “Oficina de Avaliação do Ensino e Aprendizagem da Língua Materna”, ofertada à turma do curso de Letras Língua Portuguesa 2018 no campus de Capanema, no período letivo 2023.2. O trabalho foi inicialmente apresentado como comunicação oral na I Mostra Acadêmico-Científica de Letras Língua Portuguesa (MALP), evento que teve como tema “Das concepções às práticas de avaliação no ensino da língua portuguesa”. A presente versão recebeu revisões, acréscimos e adaptação do texto ao formato de artigo.

² Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Capanema. E-mail: samireslima060@gmail.com

nos anos finais do ensino fundamental, pelo ponto de vista de professores de Língua Portuguesa. A pesquisa tem como pressuposto básico que avaliar vai muito além da atribuição de notas, devendo contribuir para que o professor analise sua própria prática. A habilidade de se comunicar de forma eficaz é uma competência essencial no mundo contemporâneo, e a oralidade desempenha um papel fundamental nesse processo. Nas aulas de Língua Portuguesa, o ensino da oralidade não se limita a aspectos pontuais como a pronúncia correta das palavras, mas engloba várias capacidades, tais como: expressar ideias com clareza, coesão, coerência e persuasão. Nesse contexto, explorar a palavra falada se torna um desafio pedagógico de muita relevância, visto que exige uma conduta mais cuidadosa na avaliação e superação de barreiras que podem surgir no ambiente educacional.

Do ponto de vista metodológico, foi adotada uma abordagem qualitativa durante a realização da pesquisa, a qual envolveu a aplicação de um questionário contendo sete questões, o qual foi respondido por quatro professores da rede pública de ensino. As questões buscaram captar as percepções dos sujeitos acerca do ensino da oralidade e sua avaliação no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Para a fundamentação teórica, foram utilizados como suporte os estudos de Melo e Cavalcante (2007), Antunes (2003), Suassuna (2006), bem como a consulta às diretrizes curriculares contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Nesse sentido, a importância dessa pesquisa reside na sua contribuição para as reflexões sobre o ensino da oralidade e sua avaliação, bem como acerca dos desafios enfrentados pelos professores para a realização dessa prática em aulas de língua materna, considerando que um acompanhamento contínuo é indispensável, devido ao caráter imediatista da fala, que configura as produções textuais orais como situações comunicativas únicas.

Dessa forma, o texto estrutura-se da seguinte maneira: duas seções de fundamentação teórica abordando o objeto da pesquisa, uma discutindo o ensino da oralidade e outra enfocando sua avaliação; uma terceira seção descrevendo a metodologia adotada no estudo; além de uma seção em que são discutidos os dados e os resultados alcançados e, por último, as considerações finais sobre a pesquisa realizada.

Oralidade e seu ensino: alguns pressupostos básicos

A oralidade é a forma primordial de comunicação humana e uma ferramenta vital para a interação social, o compartilhamento de informações e a criação de significados. Mesmo em

um mundo cada vez mais conectado, em que a comunicação é imediata e global, a habilidade de se expressar oralmente de forma competente é muito valorizada, não apenas em contextos formais, mas também em situações do próprio cotidiano. No ambiente educacional, o ensino da oralidade é fundamental para o desenvolvimento completo das habilidades linguísticas dos alunos. Através do exercício da oralidade, os estudantes podem aprimorar sua capacidade de articular os pensamentos, desenvolver o vocabulário, aperfeiçoar a expressividade e a compreensão das particularidades da linguagem. Para mais, a exploração da palavra falada proporciona a autoconfiança dos alunos, permitindo-lhes participar de forma ativa em discussões, apresentações e debates.

A oralidade vem sendo discutida há algum tempo por diversos estudiosos da linguagem e sua abordagem vem sendo indicada nos documentos curriculares oficiais do ensino fundamental, tendo em vista sua importância na formação da competência linguística dos alunos. Apesar disso, em muitos contextos escolares essa modalidade não é ainda um objeto de ensino sistemático na disciplina de Língua Portuguesa. Diante disso, Ferreira e Leal (2007, p. 25) afirmam que:

[...] embora saibamos que as crianças chegam à escola, via de regra, já com um domínio da oralidade para interagir socialmente, elas podem desenvolver capacidades para lidar com situações mais formais e para lidar com textos que medeiam eventos diversificados de uso da língua. Os textos orais usados para expor temas das diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, nem sempre são tão facilmente compreendidos. Cabe à escola ir integrando os alunos nessas práticas de modo sistemático.

Dessa forma, é inegável a importância de integrar os alunos a práticas que envolvem textos orais de modo sistemático, e a escola pode adotar estratégias que desempenhem um papel vital na ampliação de suas capacidades em situações diversas, principalmente em contextos formais de fala, não apenas na disciplina de Língua Portuguesa, mas nas diversas áreas de conhecimento.

Segundo Antunes (2003), o aluno é o sujeito da aprendizagem, com isso, é ele quem realiza a interação com a língua. Em seu livro “Aula de Português: encontro & interação”, a autora pontua os aspectos que norteiam a oralidade que, segundo ela, deve ser ensinada de acordo com a especificidade de cada aluno, deixando-o convicto do lugar dessa modalidade, ou seja, fazendo com que os aprendizes entendam as diferenças entre as modalidades escrita e oral da língua e em quais situações usar cada uma delas.

Refletir sobre o ensino da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa requer, pois, considerar a linguagem em uso, com base no desenvolvimento das competências comunicativas

do aluno. Ao ter essa prática discursiva realizada por meio da interação, observa-se a necessidade de abordar a oralidade de forma que possibilite ao aluno autonomia e criticidade, promovendo reflexão sobre a língua, ampliando sua capacidade comunicativa e levando-o a (re)conhecer os mais variados contextos discursivos. Sobre isso, Melo e Cavalcante (2007) afirmam que:

Trabalhar com o oral em sala é, antes de tudo, identificar a imensa riqueza e variedade de usos da linguagem oral no cotidiano. Portanto, é necessário abandonar a ideia de que o oral é uma realidade única, normalmente identificada com a conversa espontânea (o que, em sala de aula, resulta em exercícios do tipo “Converse com o colega...” ou “Dê sua opinião...”), bem como deixar de imaginar que o trabalho com o oral se resolve com atividades que envolvem o que se costuma chamar de escrita oralizada (toda palavra lida ou recitada). (MELO; CAVALCANTE, 2007, p. 77).

As autoras enfatizam os pontos positivos que o trabalho com a oralidade pode proporcionar para o discente, pois a partir do momento em que a escola aborda de forma sistemática a oralidade na sala de aula, ela está também viabilizando transformações na maneira como o aluno compreende as variações linguísticas. Assim, ele perceberá os diferentes contextos de uso dessas variações para cada situação de comunicação. Na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), de acordo com o fragmento a seguir, há exemplos de práticas diversificadas de linguagem em torno do eixo da oralidade:

O Eixo da oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação real com seu contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jungle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p. 78-79).

Como se observa, o trabalho efetivo com a oralidade dá-se a partir dos diversos gêneros textuais que circulam em nossa sociedade. E assim como se desenvolvem metodologias para os gêneros escritos, é preciso planejar e desenvolver atividades voltadas para os gêneros orais.

Oralidade: o que e como avaliar

A avaliação da oralidade apresenta desafios distintos em comparação com outros eixos do ensino de língua. O texto escrito, por exemplo, pode ser revisado e editado antes da sua

entrega final, diferentemente do texto falado, por se materializar de forma mais espontânea e imediata. No entanto, não podemos supervalorizar uma modalidade da língua e desprestigiar a outra, pois não há motivos para defender uma divisão dicotômica entre fala e escrita, não existe uma melhor que a outra, visto que as duas possuem sua importância nas práticas sociais de linguagem em geral e no ensino.

A avaliação da oralidade abrange características como fluência, pronúncia, entonação e coesão discursiva. Além disso, a diversidade linguística existente pode tornar a avaliação ainda mais complexa, uma vez que existem diferentes variantes regionais e sociais que devem ser consideradas no momento de qualquer avaliação. A subjetividade acaba se tornando um desafio nesse processo avaliativo da oralidade e a apreciação do desempenho oral muitas vezes reflete os conceitos individuais do avaliador, fazendo-se necessária a criação de critérios claros e objetivos para atribuição de notas em uma avaliação detalhada, que considere diferentes pontos de vistas da comunicação oral, o que pode ser uma estratégia eficaz para reduzir essa subjetividade. Como esclarece Antunes (2003):

A avaliação, como tudo o mais, é antes de tudo uma questão de concepção e não uma questão de técnica. Daí a conveniência de o professor pensar, observar, descobrir, em cada momento, a maneira mais adequada de contribuir para que seu aluno cresça na aquisição de sua competência comunicativa; de, sobretudo, estimular, encorajar, deixar os alunos com uma vontade grande de aprender, sentindo-se para isso perfeitamente capacitado e, por isso, inteiramente gratificado (ANTUNES, 2003, p. 165).

Nesse sentido, aprender não deve ser uma obrigação para os alunos, mas sim um processo envolvente, inspirador e prazeroso. Tornar esse momento de aprendizagem mais leve faz com que eles tenham mais facilidade em aprender qualquer que seja o assunto apresentado, deixando mais satisfatório também o momento de avaliação pelo professor, que avaliará atividades de acordo com o que trabalhou e assim poderá fazer uma avaliação formativa (SUASSUNA, 2007), porque além de avaliar o conhecimento dos estudantes, o objetivo também é promover o aprendizado contínuo e o crescimento pessoal de cada um deles.

Por isso, uma abordagem equilibrada e sensível é essencial para lidar com os momentos de avaliação de forma eficiente, ou seja, o que se espera do professor não é apenas que ele “passe” as atividades e espere que os alunos as apresentem, deve ter acompanhamento do trabalho de produção deles e também ajudá-los na compreensão do gênero focado, para, assim, haver uma aprendizagem mais precisa e com mais significado e, dessa forma, os alunos

mostrarem um resultado mais eficiente tanto no âmbito escolar, quanto em oralizações do cotidiano. Diante disso,

[...] no processo avaliativo, não é qualquer pergunta que gera um discurso ricamente interpretável. Ao elaborarmos instrumentos de avaliação, devemos ter em mente que as questões postas para os alunos precisam ser instigantes, mobilizadoras; levar à solução de problemas, à tomada de decisões, à elaboração de justificativas, ao desequilíbrio cognitivo, a desacordos intelectuais, enfim, à ampliação da aprendizagem. (SUASSUNA, 2007, p. 113)

Suassuna (2007), tomando a avaliação em língua portuguesa em uma perspectiva dialógica, tece algumas considerações sobre os instrumentos e testes utilizados nos processos avaliativos, no ensino de língua materna. Para isso, a autora aborda os instrumentos de avaliação a partir dos quatro eixos desse ensino: leitura, produção escrita, produção oral e análise linguística. E quando se fala nesses eixos de ensino, na perspectiva de Suassuna (2007), nas salas de aula a leitura e os estudos sobre os conhecimentos linguísticos são os eixos que mais se fazem presentes, pois um dos principais objetivos dos anos iniciais do Ensino Fundamental é ensinar os alunos a lerem e escreverem de forma correta. Os outros dois eixos quase não aparecem e, quando isso acontece, costuma ser de forma descontextualizada. No eixo da escrita, por exemplo, ainda é muito comum que os alunos recebam um tema e orientações rasas para escreverem sobre ele, além disso, muitas vezes essa produção fica apenas na sala de aula, ou seja, essa escrita é somente para o professor e em algumas situações serve apenas para identificar os “erros” gramaticais e ortográficos nos textos dos alunos.

No caso da oralidade, muitas vezes é confundida com a leitura, ou seja, com a oralização de textos escritos, a chamada leitura em voz alta, e pelo fato de não ser bem compreendida, nem sempre é realizada adequadamente. Costumam ser as escolas que planejam alternativas pedagógicas para o ensino da oralidade e os poucos instrumentos que contribuem com o professor no que se refere a como ensinar e o que avaliar.

Ao abordar os instrumentos de avaliação da oralidade, Suassuna (2007) se baseia no princípio de que a avaliação deve contemplar as capacidades interativas necessárias ao aluno não somente no ambiente escolar, pois considera que tanto o aluno quanto o professor são sujeitos produtores de discurso, que se posicionam criticamente diante de seus interlocutores. Discutindo os instrumentos de avaliação da produção oral, Suassuna (2007) apresenta duas atividades presentes em livros didáticos e compara suas abordagens. A primeira envolve a leitura expressiva de um poema em grupos, seguindo uma estrutura de versos apresentados para cada aluno. Essa abordagem baseia-se na oralização do texto e é bastante comum nas escolas.

Em oposição, a segunda atividade sugere entrevistas sobre a preferência em receber cartas ou telefonemas. Os alunos precisariam trabalhar em grupos, coletando respostas e, em seguida, organizar e apresentar os resultados obtidos, considerando as opiniões, concordâncias e emoções expressadas pelas pessoas que foram entrevistadas. Essa atividade acaba encorajando uma fala mais interativa, planejada e crítica, abordando também a criação de novas concepções diante das respostas coletadas. Nesse sentido, a comparação destas atividades acaba por ressaltar a diferença entre a simples leitura em voz alta e a fala pública mais cativante e contextualizada.

Apesar dos avanços na discussão sobre ensino da oralidade e sua avaliação, muitos professores ainda têm dificuldade em trabalhar a oralidade na sala de aula, isso se deve, pelo menos em parte, a concepções limitadas, como a de que ensinar oralidade é simplesmente ensinar o aluno a falar, mas na realidade não é isso, porque eles aprendem a falar mesmo antes de terem ido à escola, ou a ideia de que esse ensino corresponde à leitura de textos escritos em voz alta. Entretanto, não são todos os professores que pensam dessa forma, esse pensamento está ligado à formação que cada um recebeu e às próprias concepções sobre oralidade e seu ensino, geralmente enraizadas durante sua escolaridade. Mais do que ensinar a falar, o ensino do oral na escola pode contribuir para que o aluno aprenda a se posicionar em situações variadas do seu dia a dia, como, por exemplo, ao participar de um debate na escola, de uma reunião de liderança ou de uma entrevista de emprego. Para Suassuna (2007, p. 122):

[...] a avaliação da fala deve contemplar não apenas a leitura em voz alta, mas as capacidades interativas necessárias à realização da chamada “fala pública”, ou seja, no ambiente escolar, o aluno teria oportunidades de vivenciar, além da conversação espontânea do dia a dia ou da leitura em voz alta, situações em que a fala seria planejada para atingir certos fins e organizada na confluência de outras linguagens, entre elas a escrita (é o caso, por exemplo, das anotações que ele teria que fazer na atividade como apoio à apresentação oral da equipe).

Como vimos, a avaliação da oralidade requer critérios objetivos, sensibilidade para lidar com a diversidade linguística e a promoção do aprendizado como um processo contínuo. É necessária uma abordagem equilibrada, que valorize tanto a fala espontânea quanto a fala planejada, pois é de suma importância para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos, e dessa forma, preparando-os para interações diversas. Em síntese, a avaliação da oralidade é uma parte crucial do ensino de Língua Portuguesa e da educação em geral, por isso, requer um maior cuidado para garantir o desenvolvimento e a confiança dos alunos em suas habilidades comunicativas.

Aspectos metodológicos da pesquisa

O estudo cujos resultados são apresentados neste trabalho se desenvolveu durante a disciplina “Oficina de Avaliação do Ensino e Aprendizagem da Língua Materna”, ofertada à turma 2018 do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, Campus de Capanema. A partir da pesquisa realizada, percebemos a necessidade de refletir de maneira mais aprofundada sobre os aspectos que envolvem a avaliação da oralidade, no âmbito da disciplina Língua Portuguesa, o que buscamos fazer neste trabalho.

Quanto à abordagem, a pesquisa pode ser considerada de base qualitativa, pois de acordo com Goldenberg (2004, p. 14), “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.”. Desse modo, buscamos a compreensão e interpretação do objeto focado, a partir dos dados coletados. Para o desenvolvimento do estudo, foi elaborado um questionário utilizando a ferramenta *Google Forms*, que possibilitou o seu envio pela internet, por meio de um link, aos professores. O formulário continha sete questões e foi enviado a quatro professores de Língua Portuguesa atuantes em escolas públicas de diferentes municípios do Pará, pedindo que respondessem, entre os dias 25 e 28 de março de 2023.

Neste questionário, uma pergunta estava voltada à identificação do perfil docente e as demais relacionadas ao objeto de estudo. Tendo concluído o processo de aplicação do questionário e realizado a coleta dos dados, foi possível identificar que estavam adequados ao alcance do objetivo da pesquisa. A fim de preservar a identidade das pessoas que contribuíram para a realização da pesquisa, neste trabalho, elas foram identificadas por letras (A, B, C e D).

Os professores que participaram dessa pesquisa através dos questionários são de diferentes municípios, dois deles residem em Capanema, os outros são de Pirabas e Ourém. Dentre os quatro docentes, encontra-se um homem e três mulheres. Trata-se de profissionais formados em Letras Língua Portuguesa, com idade entre 38 e 55 anos, todos atuando na área do curso. O professor A, de 43 anos, trabalha há 15 anos na escola, atuando com Língua Portuguesa no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A professora B, de 40 anos, atua há 14 anos com essa disciplina no ensino fundamental e ensino médio. A professora C, de 38 anos, atua há 10 anos na escola pública como docente da área, nos níveis fundamental

e médio. A professora D, que tem 40 anos, trabalha há 15 anos na escola pública com Língua Portuguesa, também nos níveis fundamental e médio.

Discussão dos dados e resultados

Considerando o objetivo do estudo aqui apresentado, que procura discutir os desafios na abordagem da oralidade e sua avaliação nos anos finais do ensino fundamental, pelo ponto de vista de professores de Língua Portuguesa, buscamos nesta seção discutir os dados coletados e os resultados alcançados. Na análise dos dados resultantes da aplicação do questionário, as respostas dadas pelos sujeitos foram confrontadas para melhor compreensão de quais desafios enfrentam e quais critérios são utilizados para avaliar a oralidade.

Como a pesquisa está centrada no eixo da oralidade e partindo do objetivo do estudo, as perguntas elaboradas para o questionário foram feitas tendo como base aspectos relacionados a este objeto, seu ensino e sua avaliação. Foi indagado aos professores sobre como definem a oralidade, como a ensinam em suas aulas, se consideram importante trabalhar com diferentes gêneros orais, como lidam com os desafios ao ensinar essa modalidade da língua, se usam livros didáticos adotados pela escola e como avaliam a oralidade.

Assim, por meio das respostas dadas pelos docentes sobre cada aspecto acima mencionado, pudemos constatar que a abordagem pedagógica da oralidade é um elemento crucial no processo educacional e especialmente no âmbito do ensino e aprendizagem da língua portuguesa. As nuances e desafios identificados pelos professores lançam luz sobre a importância de estratégias eficazes para desenvolver as habilidades orais dos alunos. Diante dessas considerações, os dados foram organizados em quadros, os quais proporcionarão uma análise mais aprofundada, oferecendo uma visão detalhada das percepções dos educadores e fornecendo *insights* valiosos para refletirmos sobre o aprimoramento da prática pedagógica no enfoque da oralidade.

Quadro 1 – O que é oralidade?

PROFESSOR	RESPOSTA
A	“Oralidade é estar de posse de um dos instrumentos mais eficazes para a comunicação. Interagimos, argumentamos e expomos nossos pensamentos.”
B	“É a habilidade desenvolvida pelo falante da língua materna em se expressar de modo claro nas diversas situações de comunicação.”

C	“A oralidade é a capacidade de expressar o pensamento, as emoções e conhecimento através da fala. Mas partindo do princípio que a fala é inerente ao ser humano, tal qual a comunicação, a oralidade não está restrita ao falar, mas através dela, de maneira organizada e planejada expor aquilo que necessita ser dito.”
D	“É uma capacidade linguística de expressão espontânea, dinâmica e comunicativa.”

Fonte: elaborado pela autora do trabalho

A análise das definições de oralidade apresentadas pelos professores revela uma variedade de perspectivas, cada uma enfatizando diferentes particularidades dessa habilidade linguística. A riqueza conceitual expressa nas respostas reflete a complexidade inerente ao entendimento do termo. Todas as definições de oralidade fornecidas pelos professores têm elementos de verdade, no entanto, há algumas diferenças sutis entre as respostas, as diferenças são principalmente uma questão de ênfase. A resposta C é a que fornece a definição mais abrangente e contextualizada da oralidade, levando em consideração tanto a expressão oral quanto a organização e planejamento da fala. No entanto, as outras respostas também oferecem perspectivas válidas sobre o conceito de oralidade, dependendo do contexto em que são aplicadas.

A resposta do professor A destaca uma perspectiva que sublinha a função comunicativa da oralidade, ressaltando seu papel na expressão e troca de ideias. Na resposta da professora B, a definição destaca a clareza como um atributo fundamental no uso da oralidade, indicando a importância da articulação e compreensão nessa prática. A resposta da professora C apresenta uma definição mais abrangente, destacando uma perspectiva semelhante à do professor A e, além disso, ressaltando a organização e o planejamento como parte da expressão oral, trazendo essa abordagem enriquecida, que contextualiza a oralidade dentro de uma finalidade mais ampla. Também abordando uma concepção de oralidade como capacidade linguística de expressão, a resposta da professora D acrescenta uma ênfase na sua natureza dinâmica e comunicativa, ressaltando sua vitalidade e o imediatismo na interação verbal.

Ao considerar as contribuições de Melo e Cavalcante (2007), percebemos que a amplitude das definições reflete a influência de fatores sociais, culturais e cognitivos sobre as formas de conceber a oralidade. A resposta da professora C, que integra aspectos expressivos, organizativos e planejados da fala, alinha-se à abordagem desses autores, que preconizam uma compreensão profunda das motivações subjacentes às práticas discursivas.

Quadro 2 – Você trabalha a oralidade em suas aulas? Quais gêneros orais você mais utiliza?

PROFESSOR	RESPOSTA
A	“Sim. Trabalho com o relato pessoal e exposição oral (seminários), recitação de poesias.”
B	“Sim. Através das atividades em sala, como análise de textos, busco promover o debate em sala sobre o tema do texto, também tem os seminários, além dos diálogos que tento desenvolver com eles.”
C	“É indispensável o trabalho com a oralidade em sala de aula, em minhas aulas a oralidade é aprendida/ensinada através de seminários, aulas expositivas com a participação dos alunos, debates, entre outros.”
D	“Sim. Utilizo gêneros variados. Músicas e poemas são alguns exemplos.”

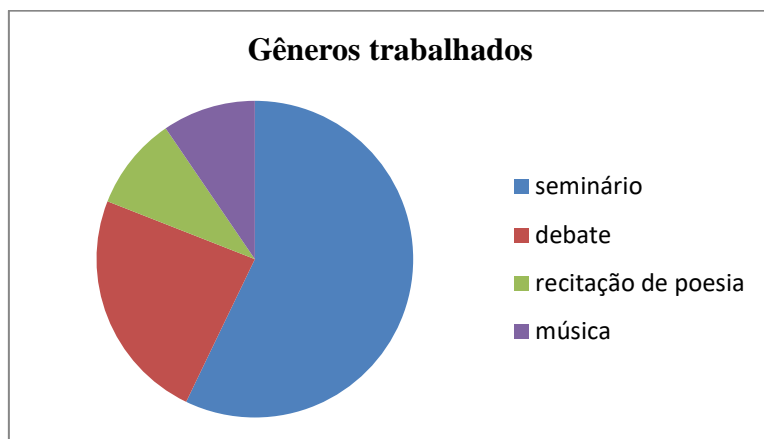
Fonte: elaborado pela autora do trabalho

As respostas dadas refletem abordagens válidas para o ensino da oralidade, e a escolha entre elas pode depender das preferências do professor e das necessidades específicas da turma. No entanto, a resposta C oferece uma visão mais abrangente das práticas de ensino da oralidade, destacando a diversidade de métodos, embora em todas as respostas os professores tenham procurado demonstrar que trabalham a oralidade em suas aulas. Notamos, porém, que há certa incompreensão por parte das docentes B e D sobre as fronteiras entre as modalidades da língua oral, escrita e a multimodalidade.

Conforme mencionado nas respostas, o ensino da oralidade pode envolver uma série de abordagens. No entanto, é importante notar que trabalhar com o oral em sala de aula vai além da mera conversa espontânea ou da leitura oralizada de textos escritos, como é destacado por Melo e Cavalcante (2007), “Trabalhar com o oral em sala é, antes de tudo, identificar a imensa riqueza e variedade de usos da linguagem oral no cotidiano”. Isso implica que os professores devem reconhecer e explorar a diversidade de contextos e gêneros da modalidade oral da língua, muitas vezes relacionados ao uso da escrita e da multimodalidade, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades de comunicação e interação que vão além das atividades tradicionais, como “Converse com o colega...” ou “Dê sua opinião...”. Portanto, uma abordagem pedagógica eficaz para o ensino da oralidade requer a consideração da complexidade e riqueza de usos do oral, bem como o desenvolvimento das competências necessárias para lidar com ela de maneira eficaz.

Vejam os seguintes gráficos relacionados ao quadro anterior, para ampliarmos um pouco a discussão:

Gráfico 1 – Gêneros orais trabalhados pelos professores



Fonte: elaborado pela autora do trabalho

O presente gráfico ilustra os gêneros mencionados pelos docentes no tocante ao ensino da oralidade em contexto educacional, atribuindo a cada porção do diagrama um gênero mencionado como sendo específico da modalidade oral. É perceptível que o gênero “Exposição oral (seminários)” figura como o mais recorrente nas respostas, representando 60% das manifestações docentes. Tal constatação sugere que os seminários desempenham um papel proeminente no fomento da competência oral em sala de aula. Por sua vez, a menção aos gêneros “música” e “recitação de poesia” sugere o trabalho com a multimodalidade da língua, porém, não temos dados suficientes para fazer uma análise mais aprofundada sobre como as relações entre as diferentes modalidades da língua são abordadas. Poderíamos nos perguntar por exemplo, sobre a “(recitação de) poesias”: aí a oralidade seria abordada a partir de leitura de textos escritos, ou seja, enfatizando a leitura expressiva? De qualquer forma, é importante ressaltar a relevância de direcionar a atenção também aos gêneros menos mencionados, uma vez que tais menções podem proporcionar uma compreensão acerca das práticas de ensino da oralidade.

Ao evidenciar as respostas por meio deste gráfico, intentamos conferir uma perspectiva mais ampla acerca das preferências – e possíveis metodologias – adotadas pelos professores no contexto do ensino da oralidade. O destaque conferido aos seminários, como constatado pela significativa representatividade de 60%, implica em sua proeminência enquanto instrumento pedagógico para o desenvolvimento da competência oral. Contudo, a atenção às escolhas menos

prevalentes reveste-se de importância, haja vista que pode proporcionar esclarecimentos acerca das abordagens menos adotadas pelos educadores.

Os dados analisados também sublinham a necessidade de promover a reflexão sobre as práticas pedagógicas, para que possamos pensar sobre como a diversidade de abordagens constitui um recurso valioso no enriquecimento da experiência educacional dos alunos, podendo tornar o ensino da oralidade mais dinâmico e instigante, evidenciando ainda a pertinência de fomentar práticas inovadoras e eficazes, alinhadas às necessidades e interesses singulares dos educandos.

Quadro 3 – Você acha importante trabalhar os gêneros orais? Quais as dificuldades que você mais encontra ao trabalhar esses gêneros?

PROFESSOR	RESPOSTA
A	“Sim, acho importante, mas as turmas muito numerosas acabam prejudicando o desenvolvimento das atividades. Muitos alunos também sentem dificuldades ao expor suas atividades, porque se acanham e ficam inseguros na hora de falar.”
B	“Sim. Uma das maiores dificuldades é a timidez, o ‘medo’ que eles têm de sofrer bullying pelos colegas e o fato desses gêneros não terem sido trabalhados nos anos iniciais.”
C	“Trabalhar os gêneros orais é fundamental, apesar de ser um grande desafio, uma vez que os alunos apresentam timidez e muita dificuldade em organizar o pensamento, ordenar as falas na hora de expor suas opiniões e conhecimentos.”
D	“Sim. O maior obstáculo é a disponibilidade de recursos didáticos.”

Fonte: elaborado pela autora do trabalho

Diante das respostas dadas, podemos perceber que, sob uma perspectiva mais ampla, é inegável que o ensino dos gêneros orais desafia os educadores em vários aspectos. A abordagem da oralidade, como sugerido por Marcuschi e Dionísio (2007), envolve a compreensão da relação entre fala e escrita como um *continuum*, onde a fala precede e permeia a escrita. Portanto, o desenvolvimento da competência oral é essencial, pois influencia diretamente a eficácia da expressão escrita. No entanto, os desafios mencionados pelos professores apontam para a necessidade de estratégias pedagógicas que levem em consideração não apenas a dimensão linguística, mas também a dimensão emocional e a progressão da aprendizagem ao longo dos anos.

A maioria das respostas aponta aspectos como timidez, insegurança e até medo de sofrerem *bullying* por parte dos alunos como um dos desafios enfrentados. Podemos levantar a hipótese de que uma das possíveis causas dessas reações dos alunos pode estar relacionada à

ausência de uma prática sistemática e constante com gêneros orais utilizados em contextos formais e públicos, ao longo dos anos de escolaridade. Assim, além da necessidade de um trabalho mais intenso com tais gêneros, isso reflete a importância de criar um ambiente de sala de aula seguro e acolhedor, pois é importante que a autoconfiança dos alunos seja promovida, para dessa forma superar as barreiras emocionais no trabalho com a oralidade. Uma abordagem longa e contínua poderia amenizar as dificuldades desses alunos, pois, de acordo com Marcuschi e Dionisio (2007), a articulação entre fala e escrita ao longo da trajetória educacional é crucial para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

Dois professores relatam, entre os desafios enfrentados, aspectos relacionados às condições de trabalho: turmas numerosas e disponibilidade de recursos didáticos. Melo e Cavalcante (2007) destacam a importância da inovação pedagógica e da adaptação às condições específicas do contexto educacional, sugerindo que os recursos limitados podem ser superados por meio da criatividade e da busca por alternativas eficazes. Entretanto, sabemos que, em alguns contextos, as condições para o desenvolvimento de uma prática inovadora e criativa são praticamente inexistentes, por isso, não podemos responsabilizar apenas os professores pelo sucesso ou insucesso na abordagem da oralidade em sala de aula, desconsiderando as reais condições de trabalho, pois este é um fator que intervém diretamente em suas práticas cotidianas.

Diante disso, a análise desses dados à luz de estudiosos como Marcuschi, Dionisio (2007), Melo e Cavalcante (2007) revela a complexidade inerente ao ensino dos gêneros orais. Para superar esses desafios, os educadores, com o apoio da comunidade escolar, devem adotar uma abordagem ampla que considere os aspectos emocionais, pedagógicos e a necessidade de progressão contínua ao longo da escolaridade.

Quadro 4 – Você trabalha a oralidade a partir do livro didático adotado pela escola? Se sim, qual a metodologia?

PROFESSOR	RESPOSTA
A	“Geralmente adotamos o livro didático que já trás [sic] uma sequência didática, mas sempre que necessário fazemos algumas adaptações de acordo com o nível da turma.”
B	“Sim. Às vezes escolho no livro, um texto que será interessante para eles, a partir das conversas que tenho com eles.”
C	“Utilizo o livro didático adotado pela escola, mas não como único instrumento, uso fazendo adaptações e de acordo com as necessidades dos alunos. Costumo agregar ao livro outros materiais para complementar o livro didático.”
D	“Utilizo material próprio. Na maioria das vezes, trabalho leitura em voz alta.”

Fonte: elaborado pela autora do trabalho

Podemos perceber que as respostas das professoras B e C parecem mais alinhadas com uma abordagem flexível e adaptativa quanto ao ensino da oralidade, levando em consideração as necessidades e interesses dos alunos. O professor A, ao salientar a utilização do livro didático como base para sequências didáticas, parece inserir-se em uma tradição pedagógica mais estruturada. Porém, essa prática demanda uma adaptação constante, conforme destacado por Marcuschi e Dionisio (2007), que preconizam a flexibilidade no processo de ensino para atender às necessidades específicas da turma. A consideração da singularidade dos alunos, evidenciada pela necessidade de adaptações, alinha-se ao entendimento de Melo e Cavalcante (2007) sobre a importância de uma avaliação sensível às particularidades individuais.

Contrastando com uma abordagem mais tradicional, a professora B demonstra uma postura mais aberta, ao selecionar textos do livro didático com base nas interações com os alunos. A professora C adota uma abordagem que vai além do livro didático, afirmando agregar materiais complementares e promover adaptações conforme as necessidades dos alunos. Essas abordagens mais personalizadas encontram respaldo nas concepções de Suassuna (2007) e Marcuschi (2007), que defendem uma avaliação em língua portuguesa que vá além dos instrumentos padronizados, contemplando a diversidade de instrumentos e estratégias pedagógicas e considerando a singularidade de cada estudante como elemento crucial no processo de ensino.

Dessa forma, a análise das respostas dos docentes sobre a abordagem da oralidade a partir do livro didático adotado revela uma diversidade de práticas pedagógicas que podem ser interpretadas através dos estudos de Marcuschi e Dionisio (2007), Melo e Cavalcante (2007) e Suassuna (2007). Essas distintas abordagens fornecem uma compreensão mais aprofundada sobre os desafios e estratégias envolvidos no ensino da oralidade no contexto educacional, evidenciando a complexidade desse ensino. As diferentes abordagens, embora possuam nuances distintas, ressaltam a necessidade de estratégias flexíveis e personalizadas que considerem a diversidade da sala de aula, alinhando-se ao entendimento de uma educação que vai além dos paradigmas tradicionais (MARCUSCHI, DIONISIO, 2007; MELO, CAVALCANTE, 2007; SUASSUNA, 2007).

Quadro 5 – Como você avalia a oralidade e quais critérios de avaliação você utiliza?

PROFESSOR	RESPOSTA
-----------	----------

A	“Dependendo do ano escolar e do gênero que esteja sendo trabalhado, poderão ser avaliados alguns tópicos como: a escolha de um vocabulário adequado ou gênero, o tom de voz.”
B	“Geralmente são avaliados pela elaboração das frases, pelas pronúncias das palavras e claro, pela expressividade, se o aluno conseguiu de forma clara expor seu ponto de vista sobre determinado tema.”
C	“A avaliação da oralidade é feita a partir da capacidade dos alunos de expressar o pensamento e seus conhecimentos através da fala. Os critérios também utilizados são: a postura ao se apresentar, a capacidade de ‘prender’ a atenção do interlocutor, a organização das ideias, a relevância do conteúdo apresentado e de que forma é apresentado.”
D	“Levo em consideração a participação e a evolução individual.”

Fonte: elaborado pela autora do trabalho

Excetuando a resposta da professora D, as demais respostas mencionam critérios variados de avaliação que abordam diferentes aspectos das habilidades orais dos alunos. Os critérios mencionados avaliam não apenas a clareza da fala, mas também a capacidade dos alunos de comunicar eficazmente suas ideias e conhecimentos.

A apreciação apurada das respostas fornecidas pelos docentes em relação aos critérios de avaliação da oralidade suscita uma análise mais pontual, considerando a riqueza das perspectivas apresentadas.

A resposta do professor A, ao contemplar a avaliação de acordo com o ano escolar e o gênero em foco, centra-se na escolha vocabular e no tom de voz como critérios de avaliação, essa abordagem pode oferecer *insights* importantes sobre a comunicação, considerando aspectos específicos do desenvolvimento e das características individuais de cada aluno. Mas é interessante também considerar a perspectiva complementar apresentada por Melo e Cavalcante (2007), que propõem uma compreensão mais contextualizada, ou seja, eles nos convidam a ir além dos elementos discursivos aparentes, buscando entender as motivações sociais e culturais subjacentes a esses aspectos. Essa visão mais abrangente enriquece o processo de avaliação da oralidade e fornece uma compreensão mais holística das dinâmicas de comunicação.

No que tange à resposta da professora B, é destacada a avaliação centrada na elaboração de frases, pronúncia e expressividade, observando a clareza na exposição do ponto de vista do aluno. Essa ênfase na superfície textual representa uma escolha pedagógica que busca aprimorar as habilidades linguísticas dos alunos, proporcionando uma base sólida para a comunicação efetiva. Porém, é válido destacar que, segundo Melo e Cavalcante (2007), uma análise mais aprofundada das motivações subjacentes pode enriquecer ainda mais o processo de avaliação. Considerar não apenas a manifestação superficial, mas também as razões para o desempenho dos alunos oferece uma perspectiva mais completa sobre o desenvolvimento linguístico e as

peculiaridades individuais. A proposta das autoras sugere que a compreensão das motivações dos alunos contribui para uma abordagem mais holística e sensível. Isso não implica em julgamentos sobre a eficácia do método adotado pela professora B, mas sim destaca a oportunidade de enriquecer a prática educacional. Ao incorporar a análise das motivações subjacentes à avaliação, a professora B pode potencialmente ampliar sua visão sobre as necessidades específicas de cada aluno. Essa abordagem mais personalizada não apenas respeita as diferenças individuais, mas também oferece uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento integral dos aprendizes.

A resposta da professora C, ao incorporar a avaliação da oralidade à capacidade de expressar pensamentos e conhecimentos, abraça uma perspectiva mais holística. Os critérios como postura, capacidade de prender a atenção, organização de ideias e relevância do conteúdo alinham-se com as proposições de Melo e Cavalcante (2007), que defendem a necessidade de transcender os elementos superficiais e compreender as motivações subjacentes na avaliação discursiva.

A abordagem da professora D, ao levar em conta a participação e a evolução individual, embora mais abrangente, carece de uma exploração mais profunda das motivações cognitivas e sociais que podem influenciar esses aspectos, como preconizado pelas pesquisadoras mencionadas.

De forma geral, ao analisar as respostas dos docentes a partir das concepções de Melo e Cavalcante (2007), consideramos evidente a necessidade de transcender a análise meramente superficial, buscando compreender as motivações sociais, culturais, situacionais e cognitivas que fundamentam as práticas discursivas, proporcionando, assim, uma avaliação mais rica e contextualmente informada. Isso não retira o mérito de cada abordagem adotada, as quais, porém, podem ser integradas para promover uma avaliação mais completa e sensível às nuances presentes nas interações linguísticas. Ao considerarmos essas perspectivas, podemos enriquecer nosso entendimento e promover um ambiente de aprendizado mais inclusivo e adaptado às diversas características dos alunos.

Considerações Finais

Essa pesquisa partiu do questionamento: como se dá a abordagem e a avaliação da oralidade em sala de aula por professores de Língua Portuguesa? E desse questionamento manifestou-se o objetivo almejado: investigar os desafios na abordagem da oralidade e sua

avaliação nos anos finais do ensino fundamental, pelo ponto de vista de professores de Língua Portuguesa.

A partir da análise dos dados, verificamos que em relação aos desafios enfrentados pelos professores ao trabalharem os gêneros orais destaca-se a timidez dos alunos. Com base nas respostas, outras dificuldades foram apontadas e se encontravam em ordens diversas, que iam desde a infraestrutura da escola até a falta de sistematização de ensino do oral.

Sobre os critérios de avaliação, predominam os grupos propostos por Melo e Cavalcante (2007), que ressaltam os critérios como indissociáveis por se tratarem de um conjunto que constrói a significação.

Ao final da discussão aqui levantada, compreendemos que é importante identificar as aproximações e os distanciamentos entre fala e escrita, e entender, dessa maneira, que o tratamento com a oralidade em sala de aula deve ser objeto de preocupação para o conjunto escolar e não somente para os docentes, pois, por meio da pesquisa, percebemos que os mesmos adotam metodologias baseadas em gêneros que se relacionam com a oralidade, mas encontram grandes dificuldades que não podem ser sanadas apenas por eles, como a estrutura da escola, o grande número de alunos em uma única sala, a falta de sistematização desse objeto de ensino na programação curricular.

A oralidade, assim como a escrita, deve ser trabalhada desde os anos iniciais, e isso ainda não acontece de forma sistemática e contínua, assim, nos anos finais do ensino fundamental, essa modalidade vem ser trabalhada com um pouco mais de ênfase, porém, nesse momento já se encontram muitos empecilhos, como a timidez dos alunos, por exemplo. Diante disso, concluímos que a prática da oralidade contribui de maneira significativa para o progresso da aprendizagem, fazendo-se necessário que o trabalho com a oralidade seja desenvolvido desde cedo e com a mesma intensidade que a escrita. A exploração da palavra falada no ensino de Língua Portuguesa é um processo desafiador, mas essencial para preparar os alunos a se comunicarem de maneira inteligente e convincente.

Por sua vez, a avaliação da oralidade requer critérios claros e estratégias objetivas para garantir uma avaliação justa e inclusiva. Ao adotar abordagens pedagógicas inovadoras e criar um ambiente de aprendizado inclusivo, os professores podem ajudar os alunos a vencer os desafios da oralidade e a desenvolver habilidades úteis para a vida pessoal, acadêmica e profissional. Portanto, a avaliação da aprendizagem deve ser contínua e pautada por critérios avaliativos previamente definidos, contribuindo assim, para que haja coerência entre ensino e avaliação da aprendizagem.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF, 2018.

FERREIRA, A. T. B.; LEAL, T. F. **Avaliação na escola e ensino da língua portuguesa: introdução ao tema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARCURSHI, Luiz et. Dionísio, Ângela. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCURSHI, Beth; SUASSUNA, Lívia. (Org.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MELO, Cristina; CAVALCANTE, Marianne. Superando os obstáculos de avaliar a oralidade. In: MARCUSHI, Beth; SUASSUNA, Lívia. (Org.). **Avaliação em Língua Portuguesa: contribuições para a prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica 2007.